

METADISCURSO INTERACIONAL NA ESCRITA JORNALÍSTICA ARGUMENTATIVA EM INGLÊS, ESPANHOL E PORTUGUÊS

José Orlando Cardoso do Monte Junior¹

RESUMO: Neste trabalho, analisarei artigos de opinião escritos em inglês, espanhol e português a fim de identificar as marcas linguísticas de metadiscorso interacional (HYLAND, 2005) de que diferentes enunciadorez fazem uso na constituição de suas identidades discursivas na escrita jornalística argumentativa. O estudo toma como principal parâmetro teórico-metodológico a investigação de vestígios, no texto, da voz do leitor presumido, noção a que Thompson (2001) se refere como “*the reader-in-the-text*”. A análise concentra-se nos elementos metadiscursivos comuns a textos oriundos de diversos contextos linguístico-discursivos, incluindo o norte-americano, o britânico, o argentino, o português e o brasileiro. Apesar das diferentes condições de produção em que os artigos selecionados foram produzidos, estratégias de engajamento do destinatário foram encontradas nas três línguas, o que aponta para o caráter constitutivo do metadiscorso interacional no gênero artigo jornalístico de opinião.

PALAVRAS-CHAVE: metadiscorso interacional; artigo de opinião; *reader-in-the-text*.

ABSTRACT: In this paper, I will analyze opinion articles written in English, Spanish, and Portuguese in order to identify interactional metadiscourse resources (HYLAND, 2005) that different writers use to forge their discursive identities in argumentative journalistic writing. The study takes Thompson’s (2001) notion of “the reader-in-the-text” as its main theoretical-methodological reference. The analysis focuses on the metadiscoursal elements found in texts from diverse linguistic and discursive contexts, including American, British, Argentinian, Portuguese, and Brazilian contexts. Despite the contextual differences between the selected texts, engagement strategies were found in the three languages, which points to the constitutive nature of interactional metadiscourse in the journalistic opinion article-genre.

KEYWORDS: interactional metadiscourse; opinion article; reader-in-the-text.

Introdução

Neste estudo, investigo um tipo específico de interação: aquela estabelecida discursivamente entre enunciador e destinatário em textos jornalísticos argumentativos. O trabalho é desenvolvido com base em pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso. Cada um dos textos sob consideração é, portanto, tomado como uma instância particular de uso da língua(gem) à qual correspondem escolhas linguísticas de um enunciador engajado no cumprimento de propósitos comunicativos contingentes.

O objetivo principal das análises é identificar as formas linguísticas que explicitam a interação enunciador-destinatário em artigos de opinião produzidos em língua inglesa. O

¹Doutorando em Letras (Estudos Linguísticos) na Universidade Federal do Paraná. E-mail: orlandojrjose@gmail.com.

objetivo secundário é verificar quais formas essa interação assume em textos do mesmo gênero escritos em português e espanhol.

O *corpus* da pesquisa é constituído de oito artigos colhidos entre 2015 e 2016 de diferentes mídias e contextos linguístico-culturais: a revista norte-americana *The New Yorker*, o jornal inglês *The Telegraph*, o site do jornal argentino *Clarín*, a revista brasileira *Veja* e a versão eletrônica do *Jornal de Notícias*, de Portugal.

As análises seguirão a premissa de que uma postura interacional na escrita se reflete na inclusão da voz do destinatário na materialidade do texto. Thompson (2001) se refere a essa voz como “*the reader-in-the-text*” (o leitor *no* texto), enquanto Hyland (2005) trata os vestígios dessa voz no texto como marcas do “metadiscorso interacional”. Aprofundarei essas noções à frente, ao detalhar os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa; por ora, referencio esses autores para justificar a relevância do presente trabalho com o fato de que “é raro que o metadiscorso seja [...] adequadamente tratado [...] de uma maneira que, ao mesmo tempo, demonstre os efeitos sistemáticos de escolhas particulares e revele a importante natureza interativa do discurso”² (HYLAND, 2005, p. 178).

As marcas linguísticas da interação do enunciador com seu destinatário presumido constituem as unidades de análise do *corpus*, de modo que a descrição dos recursos metadiscursivos interacionais presentes nos textos selecionados dará o tom analítico pretendido para o estudo. O percurso metodológico caminhará na direção de identificar as marcas de interação discursiva mais recorrentes que permitam verificar a validade da seguinte hipótese: a eficácia argumentativa dos artigos selecionados reside, em grande parte, na preocupação que seus autores demonstram ter com possíveis perguntas e reações de seus interlocutores.

Na esteira disso, a análise busca identificar os elementos metadiscursivos que permitem entrever a ação daquilo que Maingueneau (2008, 2011) chama de “*ethos* discursivo” – a instância subjetiva que atua na legitimação do discurso por meio da constituição da identidade ou imagem discursiva que o enunciador de um texto projeta diante de seu interlocutor imaginado.

No caso dos artigos sob minha consideração, a investigação dos *ethe* dos enunciadores conduziu-nos à identificação de algumas marcas recorrentes de metadiscorso interacional,

² No original: “it is rare for metadiscourse to be [...] adequately covered [...] in a way which either shows the systematic effect of particular options or reveals the important interactive nature of discourse” (HYLAND, 2005, p. 178).

entre as quais se destacam o uso argumentativo de pronomes pessoais e a proposição de perguntas retóricas, dirigidas ou atribuídas ao leitor presumido. Por meio da discussão dos efeitos de sentido produzidos pelo uso desses elementos, pretendo demonstrar a importância de uma abordagem discursiva, comunicativa da língua(gem), remetendo às instâncias intersubjetivas da constituição de identidades no/pelo discurso.

Fundamentação teórico-metodológica

Ao falar ou escrever, o usuário de uma língua faz mais do que demonstrar seu nível de letramento e proficiência linguística por meio da produção de sentenças gramaticalmente “corretas” ou “incorretas”, adequadas ou inadequadas: além disso, o falante/escritor revela muito de quem é nos atos de fala (AUSTIN, 1962) que executa por meio dos textos, orais ou escritos, que produz.

Faraco (2009) reforça, a esse respeito, as ideias bakhtinianas sobre as atitudes do falante/escritor em relação ao objeto de sua fala/escrita:

O simples fato de eu ter começado a falar sobre ele já significa que assumi certa atitude em relação a ele – não uma atitude indiferente, mas uma atitude efetiva e interessada. E é por isso que a palavra não apenas designa um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa, **por sua entonação**, minha atitude valorativa em relação ao objeto (BAKHTIN, 1993 apud FARACO, 2009, p. 55, grifo meu).

A atitude do sujeito em relação ao discurso que produz tem, portanto, implicações para os sentidos que ele negocia com seu(s) parceiro(s) de interação, como, por exemplo, o destinatário que ele imagina para seu texto enquanto faz escolhas linguísticas e discursivas durante a escrita.

Essa preocupação com os possíveis efeitos de sentido que o texto pode suscitar no(s) destinatário(s) é fundamental para que o conteúdo a ser comunicado seja formulado adequada e eficientemente. Charaudeau (1983 apud MAINGUENEAU, 1997) aponta para uma consequência importante desse tipo de negociação de efeitos de sentido para o processo mais geral de comunicação:

O sujeito que se comunica sempre poderá, com certa razão, atribuir ao outro (o não-EU) uma *competência de linguagem* análoga à sua que o habilite ao reconhecimento. O ato de fala transforma-se, então, em uma proposição que o EU dirige ao TU e para a qual aguarda uma contrapartida de convivência (CHARAUDEAU apud MAINGUENEAU, 1997, p. 30, itálicos do original).

Essa “competência de linguagem” é fundamental para um trabalho de leitura e análise de textos argumentativos como o que proponho aqui. Isso indica uma potencial limitação de minha proposta e, ao mesmo tempo, um aspecto relevante da investigação dos efeitos do metadiscurso interacional para a constituição do *ethos* discursivo: minha proposta inclui a análise do discurso jornalístico escrito nas línguas inglesa e espanhola, mas é realizada no contexto brasileiro por um sujeito para quem o inglês é uma língua estrangeira, e é desse lugar social que partem minhas hipóteses interpretativas sobre os efeitos de sentido que intuo a partir dos meus procedimentos interpretativos e visão de mundo. Por outro lado, essa distância entre os contextos de produção e de recepção/análise desses textos é justamente o que torna instigante a investigação dos traços identitários dos articulistas (estrangeiros) selecionados, já que esses traços constituem os *ethes* que ajudam a compor os propósitos comunicativos e os efeitos de sentido possíveis que minha análise busca identificar.

Considerando os diferentes padrões interpretativos característicos de línguas e comunidades discursivas distintas, Maingueneau (2011) afirma o seguinte sobre a importância da noção de *ethos* para a inserção bem-sucedida dos indivíduos em comunidades distantes de seu contexto cultural imediato:

Como cada conjuntura histórica se caracteriza por um regime específico de *ethe*, a leitura de muitos dos textos que não pertencem ao nosso ambiente cultural (no tempo e no espaço) é frequentemente dificultada não pelas lacunas graves de nosso saber enciclopédico, mas porque se perdem os *ethes* que sustentavam tacitamente sua enunciação (MAINGUENEAU, 2011, p. 19).

Assim, diferentes comunidades discursivas servem de palco para diferentes práticas sociais, das quais se depreendem convenções pragmáticas específicas para a produção de textos e, na esteira delas, diferentes regimes de *ethe*. Ocorre que, como tentarei demonstrar pela análise de meu *corpus*, há também semelhanças no modo como, em diferentes línguas e culturas, um determinado gênero do discurso como o artigo jornalístico de opinião é orientado argumentativamente. E essas semelhanças merecem, tanto quanto as diferenças, um espaço na abordagem das implicações que as escolhas linguísticas têm para os efeitos de sentido e as identidades que parceiros de interação constroem interativamente.

A esse elemento tão importante das trocas verbais, a identidade discursiva, dedico a seção seguinte.

Identidade discursiva

No artigo “Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional” (2009)³, Patrick Charaudeau trata a questão das identidades como sendo de suma importância para os estudos da linguagem. Para o autor, o sujeito comunicante “se constrói através de sua identidade discursiva, que, no entanto, nada seria sem uma identidade social a partir da qual se definir” (2009, s/p).

O que Charaudeau chama de “identidade social” está próximo daquilo a que Maingueneau (2011) se refere como *ethos*: ambos se referem à maneira como cada sujeito corresponde a um certo estatuto que lhe é conferido pelo lugar ocupado por ele no mundo social e que acaba sendo revelado na/pela interação verbal com outros sujeitos.

Já a noção de “identidade discursiva” é discutida por Charaudeau como pertencente ao universo intradiscursivo. O autor ilustra isso com o seguinte exemplo:

Um pai de família chega em casa, e ao ver que seu filho está fazendo pilhas com os pratos de porcelana de Limoges herdados de sua avó, diz **calmamente**: “Ué!? Eu não sabia que os pratos da vovó eram brinquedo!” E o menino recoloca os pratos no armário (CHARAUDEAU, 2009, s/p, grifo meu).

Em seguida, Charaudeau esclarece:

Um pai tem uma identidade social tanto por filiação biológica (genitor de uma criança) quanto pelo que a lei determina (detém direitos e deve submeter-se a deveres especificados na lei). É este conjunto que lhe confere uma autoridade parental, no âmbito do que chamaremos de “identidade social”. Mas cada pai constrói, além disso, **por seus comportamentos e seus atos de linguagem**, diferentes identidades de pai: autoritário, protetor, compreensivo, castrador, indiferente, etc. **Estas identidades são construídas através de atos de discurso**. Em seu conjunto, sua identidade de “ser” resultará da combinação de atributos de sua identidade social com tal ou qual traço construídos por seus atos de linguagem. No exemplo acima, o pai constrói para si uma identidade de pai não autoritário, irônico, e ao que parece, de alguém que está se posicionando quanto ao que aqueles pratos representam. Mas além disso, faz com que seu filho recoloca no lugar o objeto de sua transgressão (CHARAUDEAU, 2009, s/p, grifos meus).

Ou seja, o ato de fala tira da identidade discursiva (construída na/pela linguagem) uma parte significativa de sua eficácia.

³ A versão do artigo que servirá de referência para o presente trabalho é aquela encontrada no *site* oficial de Patrick Charaudeau (<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>), que não é paginada.

Um aspecto importante dessa questão é o fato de que essa identidade, por se constituir progressivamente enquanto se desenrola a comunicação, oral ou escrita, figura entre os elementos constitutivos dos efeitos de sentido produzidos nela e por meio dela. Nesse sentido, as imagens de si e do outro emergem do texto (entendido como a materialização do evento comunicativo) como dispositivos próprios do processo de significação, tendo papel importante inclusive na interpretação da materialidade linguística do texto, cuja estrutura lexical, sintática e argumentativa não significam independentemente dos traços identitários dos sujeitos envolvidos em suas construções, a saber, o enunciador e o destinatário cuja voz ele tem a opção de encenar.

The reader-in-the-text

A análise de que me ocupo aqui está apoiada em duas referências teórico-metodológicas cujos autores dedicam-se especialmente ao tratamento interacional do discurso escrito, no caso, em inglês.

A primeira delas é o conceito de “*reader-in-the-text*” (o leitor **no** texto), cunhado por Thompson e Thetela (1995) e rediscutido por Thompson (2001). O “*reader-in-the-text*” corresponderia à entidade intradiscursiva usada pelo enunciador como ferramenta para explorar o que Thompson (2001) considera “uma forma central de recurso interacional: a inclusão no texto de uma voz que se pretende atribuir ao leitor⁴” (p. 58).

Thompson argumenta que a noção de um leitor no (interior do) texto é preferível a outras alcunhas como “leitor ideal”, já que a expressão “*reader-in-the-text*” salienta a importância de basear essa representação do destinatário em evidências linguísticas de sua presença **no próprio texto**.

Ao trazer a “voz” do interlocutor para dentro de seu discurso, argumenta Thompson, o enunciador tem a possibilidade de dialogar com ele, reafirmando ou contradizendo suas possíveis interpretações e reações, forjando na modalidade escrita da língua o que Thompson (2011) chama de “uma forma encenada de diálogo”⁵ (p. 58).

⁴ No original: “a central form of interactional resource: the inclusion in the text of a voice that is intended to be attributable to the reader” (Thompson, 2001, p. 58).

⁵ No original: “a stage-managed form of dialogue” (Thompson, 2001, p. 58).

Minha segunda referência metodológica é o trabalho do linguista britânico Ken Hyland, cujo conceito de metadiscorso interacional ecoa a ideia de Thompson e Thetela (1995) de um leitor “dentro” do texto (um “*reader-in-the-text*”):

O metadiscorso corresponde aos recursos interpessoais usados para organizar um discurso ou à postura do escritor em relação ao seu conteúdo ou leitor. É uma maneira de olhar para o uso da linguagem com base no fato de que, ao falarmos ou escrevermos, nós monitoramos as possíveis respostas de outros, decidindo sobre o tipo de efeitos que temos sobre nossos ouvintes ou leitores, e ajustamos nossa linguagem para nos aproximarmos ao máximo de nossos propósitos⁶ (HYLAND, 2015, p. 1).

O ponto de intersecção entre as abordagens de Thompson e Hyland é o primado atribuído por ambos ao aspecto interacional que se atribui ao texto pela inclusão explícita da voz do interlocutor. Os autores concordam também quanto aos índices textuais que colaboram para a encenação, no discurso escrito, dos turnos que são comumente associados à interação oral. Thompson e Thetela (1995), a esse respeito, lembram-nos de que, na verdade, a interação é característica constitutiva de todas as modalidades da língua, sendo a estrutura de *turn-taking* simplesmente a forma com que a interação se manifesta na conversação face a face.

Já na escrita, o usuário de uma língua tem a possibilidade de incluir outras vozes e perspectivas no emaranhado de enunciados que produz, atribuindo proposições a sujeitos e textos que o precederam ou à sua audiência presumida, afetando, assim, a imagem discursiva de si (*ethos*) e de seus interlocutores (*pathos*).

Hyland (2015) enfatiza que o uso de estratégias interacionais na escrita atribui à identidade do enunciador “uma visão interacional da comunicação”⁷ (HYLAND, 2015, p. 1). Para o autor, a aplicação dessas estratégias ao discurso escrito revela o reconhecimento de que “as formas por meio das quais expressamos ideias são mais propensas a serem bem-sucedidas se levarmos em conta as necessidades e expectativas dos nossos interlocutores”⁸, já que o

⁶ No original: “Metadiscourse is the interpersonal resources used to organize a discourse or the writer’s stance toward either its content or the reader. It is a way of looking at language use based on the fact that, as we speak or write, we monitor the possible responses of others, making decisions about the kind of effects we are having on our listeners or readers, and adjusting our language to best achieve our purposes” (HYLAND, 2015, p. 1).

⁷ No original: “an audience-sensitive view of communication” (HYLAND, 2015, p. 1).

⁸ No original: “the ways we express ideas are more likely to be successful if they take account of the needs and expectations of our interlocutors” (HYLAND, 2015, p. 2).

“metadiscorso revela a presença do ouvinte/leitor no texto, ou pelo menos como o criador do texto o vê”⁹ (HYLAND, 2015, p. 2).

Algumas considerações metodológicas

Como já foi apontado, pela análise do *corpus* deste trabalho busco identificar as reiteradas estratégias metadiscursivas de autores de artigos jornalísticos de opinião para estabelecer uma relação dialógica e inclusiva com seus destinatários presumidos. Ao fazê-lo, sigo um princípio metodológico importante para a análise da identidade discursiva: uma das mais importantes facetas da adaptação do texto a um propósito comunicativo específico é a consideração do papel ativo do leitor na atribuição de sentidos ao discurso escrito.

Para Celce-Murcia e Olshtain, “o aspecto mais importante dessa abordagem é o fato de que um texto comunicativo deve ser composto com uma perspectiva interativa em mente”¹⁰ (2000, p. 147). Como efeito disso, tem-se que a eficácia argumentativa de um texto construído sobre bases interacionais e a partir de uma perspectiva comunicativa da escrita pode beneficiar-se significativamente da encenação de um diálogo com o leitor, cuja voz seja manifesta explicitamente no texto.

Para ilustrar o tipo de olhar que pode ser lançado sobre um texto com vistas a investigar seu funcionamento metadiscursivo, tentarei demonstrar a maneira por meio da qual o produtor de um artigo de opinião pode fazer uso de diferentes recursos para se posicionar em relação ao discurso que produz e, assim, transmitir uma imagem discursiva (um *ethos*) que lhe legitime a cumprir seus propósitos comunicativos.

Inicialmente, concentrarei minha atenção em dois artigos publicados na revista *The New Yorker* nos quais, parece-me, a influência de elementos metadiscursivos na constituição do *ethos* fica especialmente clara. Um deles é de autoria da escritora e jornalista inglesa Rebecca Mead; o outro, foi escrito pelo crítico cultural David Denby. Por meio de minhas breves análises, sugiro os modos como diferentes sujeitos, escrevendo para o mesmo veículo, podem produzir diferentes subjetividades (ou *ethe*), mas também como as semelhanças entre suas maneiras de organizar os conteúdos apontam para características próprias do discurso

⁹ No original: “metadiscourse reveals the presence of the hearer/reader in the text, or at least how the text creator sees him or her” (HYLAND, 2015, p. 2).

¹⁰ No original: “the most important aspect of this approach is the fact that a communicative text must be composed with an interactive perspective in mind” (CELCE-MURCIA; OLSHTAIN, 2000, p. 147).

jornalístico argumentativo. Como veremos, um dos traços compartilhados pelos dois articulistas é a opção por assumir a perspectiva do destinatário do texto por meio de diversas marcas linguísticas de metadiscurso interacional.

Em seguida, apontarei para a ocorrência dessas marcas no discurso jornalístico oriundo de outros quatro contextos linguístico-culturais: Inglaterra, Brasil, Portugal e Argentina. Com isso, pretendo ilustrar como o metadiscurso interacional não só se configura em ferramenta valiosa para a eficácia da escrita argumentativa como se apresenta como característica constitutiva da língua(gem).

Análise do (meta)discurso

Passo, agora, à análise de um excerto do artigo “*Hillary for President: No Joke*”¹¹, de Rebecca Mead. Note-se que as marcas linguísticas da intersubjetividade (a relação que é textualmente construída entre enunciador e destinatário), constituem, por sua recorrência, o canal de acesso ao *ethos* discursivo expresso nos excertos analisados. Eis o trecho inicial do texto, de 2015, em que Mead trata das expectativas àquela altura quanto à candidatura de uma ex-primeira-dama americana, Hillary Clinton, à presidência dos Estados Unidos:

- (1) If **you**’re old enough to remember the beginning of the first Clinton Presidency, in 1993, you may remember a joke that circulated at the time. It went something like this: Bill and Hillary Clinton are driving near her home town. They stop to get some gas, whereupon Hillary recognizes the station attendant as a high-school boyfriend. After they drive off, Bill tells her, smugly, “See, if you’d married him, you’d be working at a gas station.” Hillary smartly replies, “If I’d married him, he’d be President”¹² (*The New Yorker*, 14/04/2015, grifo meu).

O texto de Mead é marcado, desde o início, pelo caráter interacional com que a articulista escolhe organizar o conteúdo. O título (“*Hillary for President: No Joke*”) é já uma evidência desse traço do *ethos* que perpassa o texto: a expressão “no joke” é dirigida a um

¹¹ Apresento versões traduzidas (por mim) dos excertos analisados apenas para referência: penso que a natureza do trabalho aqui proposto prescinde de tradução, uma vez que as análises se concentram nas escolhas linguísticas dos autores dos textos que integram o *corpus* da pesquisa. Portanto, a consulta às traduções deve levar em conta que o trabalho de tradução em si compreende escolhas léxico-gramaticais que alteram consideravelmente os efeitos de sentido dos enunciados originais.

¹² Tradução minha: “Se você tem idade suficiente para lembrar do início do primeiro governo Clinton, em 1993, deve se lembrar de uma piada que circulava na época. Era algo mais ou menos assim: Bill e Hillary Clinton estão dirigindo perto da cidade natal dela. Eles param para abastecer e Hillary reconhece no frentista do posto um namorado dos tempos de colégio. Quando eles seguem viagem, Bill diz a ela, presunçosamente: ‘Viu? Se você tivesse se casado com ele, você estaria trabalhando em um posto de gasolina’. Hillary responde, astutamente: ‘Se eu tivesse me casado com ele, ele seria o presidente.’”

interlocutor, em resposta a uma possível reação deste ao que é sugerido com “Hillary for President” qualificando a ideia como uma piada. É como se o leitor do artigo perguntasse: “Você não está falando sério, está?”. A que a articulista responde: “Sem brincadeira”. Os dois pontos (:) separando as duas orações que compõem o título parecem sugerir uma pausa que abrigaria a intervenção do leitor que motiva a “resposta” de Mead.

Outro dos traços recorrentes no discurso de Mead apresenta-se nesse texto: o tom, digamos, amigável com que a jornalista pontua seu discurso. Logo na primeira sentença, tem-se uma interpelação direta do interlocutor, marcada pelo uso do pronome de primeira pessoa *you* (em negrito no excerto 1). A modalização do processo mental *remember* pelo uso do verbo modal *may* acompanha o caráter condicional da sentença, uma *if clause*. Isso ajuda a compor a polidez com que o destinatário do texto é interpelado: ao fazer referência a algo de que o leitor possa ou não se lembrar, a articulista toma o cuidado de não assumir que seu interlocutor efetivamente sabe do que ela está falando. Tanto que o que se segue é a explicitação da piada aludida, introduzida pela expressão formulaica “It went something like this”, a qual alude à introdução de narrativas orais em contextos informais (algo como: “Vou te contar uma história. **Foi mais ou menos assim...**”).

Esse tipo de comportamento discursivo corresponde a uma atitude *reader-friendly* com que Mead interpela diretamente seu destinatário, hipotetizando a percepção dele. Isso se manifesta novamente, e de três diferentes maneiras, na seguinte passagem:

- (2) But Hillary has been in and out of the White House before, conducted by her husband. This means, inevitably, that her triumph would be a more ambivalent victory than that promised by the abstract idea — or ideal — of the first female President. **What does it say to women that their first path to the Presidency is through marriage? What might it someday say to their daughters?** For better or worse, President Obama, when running for office and when newly elected, offered a tabula rasa for the projection of hopes and aspirations [...]. Hillary Clinton, by contrast, reminds **us** that **we**’re still a long way away from gender equality¹³ (*The New Yorker*, 14/04/2015, grifos meus).

A primeira delas é a escolha da articulista em orientar o leitor pelo texto, indicando os caminhos interpretativos que este deveria percorrer para que ambos caminhem juntos na

¹³ Tradução minha: “Mas Hillary esteve na Casa Branca antes, conduzida pelo marido. Isso significa, inevitavelmente, que o seu triunfo seria uma vitória mais ambivalente do que o prometido pela abstrata ideia – ou ideal – da primeira mulher Presidente. O que significa para as mulheres que o caminho que as conduziu a sua primeira presidência foi o casamento? O que isso pode significar um dia para suas filhas? Para o bem ou para o mal, o presidente Obama, enquanto candidato e quando recém-eleito, ofereceu uma tábula rasa para a projeção de esperanças e aspirações [...]. Hillary Clinton, por outro lado, lembra-nos de que ainda estamos muito longe da igualdade de gêneros.”

construção dos sentidos: “This means, inevitably, that...”. A disposição em explicar o significado de algo parece pressupor um questionamento do leitor quanto ao sentido implícito à primeira sentença, ao qual a articulista responde: ‘Isso inevitavelmente significa que...’.

A segunda evidência do comportamento interacional de Mead em relação a seu interlocutor imaginado toma forma em duas perguntas retóricas, em negrito no excerto (2), acima. Esses questionamentos antecipam reações do leitor às quais Mead está atenta e das quais ela faz uso para convertê-lo em coautor. Dessa maneira, a voz do leitor é projetada no interior do texto, atribuindo-se a ele o papel de participante ativo e questionador. Em contrapartida, é reservada à articulista o papel de quem oferece respostas.

Thompson (2001) defende a ideia de que converter, explicitamente, o destinatário em um “colaborador” na construção dos sentidos é uma das mais eficientes formas de envolvimento de que o autor de um texto pode se valer. Thompson, inclusive, revela uma forte influência bakhtiniana ao defender que

[q]ualquer texto pode, em princípio, ser visto como um registro de um diálogo entre o escritor e o leitor em que, como Widdowson (1984: 59) argumenta, “o escritor tem de conduzir a interação por meio da encenação dos papéis de ambos os participantes”. Isto é, escritores proficientes tentam supor o tipo de informação que os leitores podem querer ou esperar encontrar em cada ponto do texto em curso e agir de modo a antecipar suas perguntas ou reações ao que é escrito. O texto é construído como uma série de respostas do escritor a essas reações antecipadas¹⁴ (THOMPSON, 2001, p. 58).

A terceira demonstração de que Mead tem o interlocutor em mente na formulação de suas proposições é a opção pelo uso de pronomes pessoais na primeira pessoa do plural. A junção, operada textualmente, entre enunciador e destinatário (“... reminds **us** that **we**’re still a long way away from gender equality”) tem um propósito claramente persuasivo. Fu e Hyland, a esse respeito, esclarecem que “escritores tendem a usar ‘nós’ e as suas formas correspondentes para construir um território comum e estabelecer solidariedade entre escritor e leitor, contribuindo, dessa forma, para o caráter persuasivo dos textos”¹⁵ (2014, p. 129). O

¹⁴ No original: “[a]ny text can in principle be seen as a record of a dialogue between writer and reader in which, as Widdowson (1984: 59) argues, ‘the writer has to conduct his interaction by enacting the roles of both participants’. That is, proficient writers attempt to second-guess the kind of information that readers might want or expect to find at each point in the unfolding text, and proceed by anticipating their questions about, or reactions to, what is written. The text is built up as a series of writer responses to these anticipating reactions” (THOMPSON, 2001, p. 58).

¹⁵ No original: “writers tend to use ‘we’ and its corresponding forms to construct common ground and establish solidarity between the writer and reader, thus contributing to the persuasive character of the texts” (FU; HYLAND, 2014, p. 129).

que se produz pelo uso da primeira pessoa do plural, aí, é uma espécie de condicionamento interpretativo, já que o destinatário do artigo de Mead se vê identificado com a voz que emana do discurso: eles são um só. O reflexo disso no *ethos* que perpassa o texto é o que Fu e Hyland chamam de “uma atitude amigável em relação ao leitor e uma sutileza retórica”¹⁶ (2014, p. 129).

A análise dos excertos selecionados do artigo de Rebecca Mead evidencia a eficácia da inclusão da voz do leitor (do “*reader-in-the-text*”) para a argumentação da jornalista. Outros exemplos contundentes disso aparecem no artigo de David Denby para a *The New Yorker* intitulado “*Do Teens Read Seriously Anymore?*”¹⁷, cujo parágrafo inicial passo a comentar agora:

- (3) A common sight in malls, in pizza parlors, in Starbucks, and wherever else American teens hang out: three or four kids, hooded, gathered around a table, leaning over like monks or druids, their eyes fastened to the smartphones held in front of them. The phones, converging at the center of the table, come close to touching. The teens are making a communion of a sort. Looking at them, **you** can envy their happiness. **You** can also find **yourself** wishing them immersed in a different kind of happiness — in a superb book or a series of books, in the reading obsession itself! **You** should probably keep on wishing¹⁸ (*The New Yorker*, 23/02/2016, grifos meus).

A interatividade, também neste caso, é ativada logo no título do artigo, uma pergunta: “*Do Teens Read Seriously Anymore?*”, de modo que todo o texto é construído como uma resposta à pergunta formulada no/pelo título.

Além disso, é interessante notar como o artigo de Denby, logo de início, busca transportar o leitor para um contexto bem específico: um ambiente sociocultural supostamente típico da vida de um adolescente que habita o cenário urbano norte-americano (“A common sight in malls, in pizza parlors, in Starbucks, and wherever else American teens hang out...”). Nas três sentenças que fecham o parágrafo, o recurso ao pronome de segunda pessoa *you*, aliado ao uso do sintagma verbal *looking at them*, reforça o transporte do interlocutor para um

¹⁶ No original: “reader-friendliness and rhetorical finesse” (HYLAND, 2014, p. 129).

¹⁷ Tradução minha: “Adolescentes ainda leem a sério?”

¹⁸ Tradução minha: “Uma visão comum em shoppings, em praças de alimentação, no Starbucks, e onde mais adolescentes americanos costumem passear: três ou quatro jovens, encapuçados, reunidos em torno de uma mesa, inclinando-se como monges ou druidas, com os olhos presos aos smartphones às suas frentes. Os telefones, convergindo no centro da mesa, chegam perto de se tocarem. Os adolescentes estão fazendo um tipo de comunhão. Olhando para eles, você pode invejar sua felicidade. Você pode também se pegar desejando-os imersos em um tipo diferente de felicidade – em um livro ou série de livros célebre, na obsessão pela leitura em si! Continue desejando.”

mundo ético particular, tornando-o testemunha “ocular” daquilo que é, na verdade, construído discursivamente: “Looking at them, you can envy their happiness”.

Essa interpelação explícita e algo informal do destinatário pelo enunciador (“You should probably keep on wishing”) estabelece um tom interacional sobre o qual se baseia, no restante do artigo, a legitimidade dos argumentos:

- (4) It’s very likely that teen-agers, attached to screens of one sort or another, read more *words* than they ever have in the past. But they often read scraps, excerpts, articles, parts of articles, messages, pieces of information from everywhere and from nowhere. It’s likely that they are reading fewer books. Yes, millions of kids have read Harry Potter, “The Lord of the Rings,” “The Hunger Games,” and other fantasy and dystopian fictions; also vampire romance, graphic novels (some very good), young-adult novels (ditto), and convulsively exciting street lit. Yet what happens as they move toward adolescence? When they become twelve or thirteen, kids often stop reading seriously¹⁹ (*The New Yorker*, 23/02/2016, *itálico do original*).

Quando um enunciador opta pela inclusão, no curso de seu texto, de um argumento que deseja refutar, põe-se em uma situação arriscada: o contra-argumento poderia enfraquecer os propósitos persuasivos do texto.

Ao analista, poderia ocorrer o seguinte questionamento: se o objetivo é negar a validade de uma determinada ideia, por se julgar que ela é contrária àquilo de que se deseja convencer o interlocutor, por que a incluir no discurso ao invés de simplesmente ignorá-la? Thompson (2001) nos oferece uma resposta que parece adequada: ocorre que quando é justamente a seu destinatário que o enunciador atribui a ideia a ser refutada, a inclusão dessa outra voz no texto estabelece um diálogo que é mais benéfico à eficácia do texto do que uma afirmação categórica que não levasse em consideração as possíveis reações do interlocutor.

No excerto em (4), acima, isso ocorre duas vezes:

It’s very likely that teen-agers, attached to screens of one sort or another, read more words than they ever have in the past. **But** they often read scraps, excerpts, articles, parts of articles, messages, pieces of information from everywhere and from nowhere. It’s likely that they are reading fewer books.

¹⁹ Tradução minha: “É muito provável que os adolescentes, inseparáveis de telas de todo tipo, leiam mais *palavras* do que nunca antes. Mas eles frequentemente leem fragmentos, trechos, artigos, partes de artigos, mensagens, pedaços de informação de todos os lugares e de lugar nenhum. É provável que eles estejam lendo menos livros. Sim, milhões de jovens leram Harry Potter, *O Senhor dos Anéis*, *Jogos Vorazes*, e outros livros de fantasia e ficção distópica; também histórias de amor com vampiros, *graphic novels* (algumas muito boas), romances para jovens adultos (idem), e literatura urbana convulsivamente emocionante. No entanto, o que acontece à medida que eles avançam em direção à adolescência? Quando chegam aos doze ou treze anos, as crianças muitas vezes param de ler a sério.”

A conjunção adversativa *but* estabelece a contraposição entre a concessão que o enunciador faz à ideia (segundo ele, muito provável: “it’s very likely”) de que os adolescentes hoje leem um número maior de palavras e o argumento, esse atribuído ao próprio enunciador, de que os adolescentes leem fragmentos dispersos de informação e que, portanto, provavelmente (“It’s likely”) leem menos livros.

Outra estrutura concessiva seguida de refutação ocorre logo em seguida:

Yes, millions of kids have read Harry Potter, “The Lord of the Rings,” “The Hunger Games,” and other fantasy and dystopian fictions [...]. **Yet what happens as they move toward adolescence?** When they become twelve or thirteen, kids often stop reading seriously.

Aqui, o enunciador concede à intervenção (virtual) do interlocutor de forma ainda mais explícita, devido ao uso de um simples ‘yes’, por meio do qual introduz a voz do interlocutor, compactuando com ele. A seguir, porém, a conjunção *yet* aciona a contestação dos argumentos da alteridade – e o faz pela formulação de uma pergunta dirigida ao interlocutor (“Yet what happens as they move toward adolescence?”), a qual é respondida em seguida, no que se responde também à pergunta contida no título do texto (“When they become twelve or thirteen, kids often stop reading seriously”).

Nas palavras de Thompson (2001), essas marcações das vozes em um texto “podem ser vistas como atribuições de proposições ao ‘leitor no texto’ (reader-in-the-text)”²⁰ (p. 64) e apontam para o seguinte:

A importância da perspectiva interacional é que ela destaca a possibilidade de ver o texto não apenas como construído com as necessidades do leitor em mente, mas como construído em conjunto, deixando-se espaço comunicativo para os leitores contribuírem para a realização dos objetivos do texto. As visões do leitor são polida e colaborativamente consideradas; mas a colaboração é um processo de via dupla, e os leitores são, portanto, encorajados a tomar parte na interação e colaborar em contrapartida, aceitando, mesmo que provisoriamente, os papéis, as posições e argumentos que lhes são atribuídos. Atingir esse envolvimento, através de uma convergência do leitor com o “leitor no texto” (“*the reader-in-the-text*”), é uma etapa crucial da escrita da maioria dos textos de caráter argumentativo e persuasivo [...] e a colaboração é uma forma central de envolvimento. Esta perspectiva vai claramente ao encontro da ênfase de Bakhtin na natureza dialógica do uso da linguagem: a percepção de que escritores, tanto quanto os falantes, estão constantemente respondendo a declarações reais ou imaginárias de outros, e que cada enunciado tem conotações dialógicas²¹ (THOMPSON, 2001, p. 62).

²⁰ No original: “can be seen as assigning propositions to the reader-in-the-text” (THOMPSON, 2001, p. 64).

²¹ No original: “The importance of the interactional perspective is that it highlights the possibility of seeing the text not just as constructed with the reader’s needs in mind, but as jointly constructed, with communicative space

O uso de estruturas de concessão às intervenções do interlocutor (algumas vezes, entrelaçadas a perguntas dirigidas ou atribuídas a ele) é recorrente em todo o artigo de Denby, como se pode observar nos excertos abaixo, em que os elementos léxico-gramaticais que disparam os efeitos interacionais do discurso estão destacados:

- (5) **Was it better once? I know perfectly well that** there was never a Golden Age of Teen Reading [...]. **Yet** now that minority has grown even smaller — and defensive, too. The celebrated nerds among kids are mostly techies²² (*The New Yorker*, 23/02/2016, grifos meus).
- (6) **I know that** reading literature, history, science, and the rest of the liberal-arts canon helps produce three-dimensional human beings. **But how is a taste for such reading created in the first place?**²³ (*The New Yorker*, 23/02/2016, grifos meus)
- (7) **Yes, I know:** this is not a new story. **We** have known it since the iPhone was introduced, in 2007. **Yet** teen-age time on screens, as Turkle has documented, has recently increased to the point where it takes over many young lives altogether. Digital culture has enveloped **us** more quickly and more thoroughly than **most of us** had imagined. **But what can be done about it?** Many adults, overwhelmed by a changed reality, shrug off the problem. **You** don't want to become a crank. After all, reading technologies have changed in the past; television altered consciousness and social patterns sixty years ago, and kids survived and became adults. Literature will survive, too, somehow. **Or so we would like to think. (I'm not so sure:** the personal gratification provided by constant feedback doesn't wither as one gets older.)²⁴ (*The New Yorker*, 23/02/2016, negritos e sublinhados meus; itálico do original).

being left for the readers to contribute to the achievement of the text's goals. The reader's views are politely and collaboratively taken into account; but collaboration is a two-way process, and the readers are therefore encouraged to take part in the interaction and to collaborate back, by accepting, even if only provisionally, the roles, stances and arguments that are attributed to them. Achieving involvement, through a convergence of the reader with the reader-in-the-text, is a crucial step in most types of argumentative, persuasive text [...] and collaboration is a central form of involvement. This perspective clearly accords well with Bakhtin's emphasis on the dialogic nature of language use: the insight that writers, just as much as speakers, are constantly responding to actual or imagined utterances from others, and that every utterance has dialogic overtones" (THOMPSON, 2001, p. 62).

²² Tradução minha: "Antigamente era melhor? Eu sei perfeitamente que nunca houve uma Idade de Ouro da Leitura Adolescente [...]. Ainda assim, agora aquela minoria tornou-se ainda menor – e defensiva, também. Os *nerds* celebrados entre os jovens são, em sua maioria, aficionados por tecnologia."

²³ Tradução minha: "Eu sei que a leitura de literatura, história, ciência, e do cânone artístico em geral ajuda a produzir seres humanos tridimensionais. Mas como é que se cria o gosto por esse tipo de leitura?"

²⁴ Tradução minha: "Sim, eu sei: essa não é uma história nova. Nós a conhecemos desde que o iPhone foi lançado, em 2007. Ainda assim, o tempo que os adolescentes passam em frente às telas de seus celulares, como a Turkle documentou, aumentou recentemente a um ponto em que toma a vida de alguns deles por completo. A cultura digital nos envolveu mais rápida e profundamente do que a maioria de nós imaginava. Mas o que pode ser feito a esse respeito? Muitos adultos, atordoados pela nova realidade, tentam ignorar o problema. Você não quer se tornar um chato. Afinal de contas, as tecnologias associadas ao ato de ler já passaram por mudanças antes; a televisão alterou consciências e padrões sociais há sessenta anos; as crianças não só sobreviveram como chegaram à vida adulta. A literatura também vai sobreviver de alguma forma. Ou pelo menos é como nós

No excerto (7), logo acima, observamos, além dos recursos interacionais supracitados, a recorrência de pronomes de primeira (*I, we*) e de segunda pessoa (*you*), e também de expressões como *most of us*, que tornam ainda mais explícito como Denby convida seu destinatário a colaborar com o desenvolvimento das ideias do/no texto, muitas vezes convertendo as duas vozes em uma mesma entidade (*we, us*).

Metadiscurso em artigos de opinião: outras línguas, mesmos recursos

Os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa podem ser designados como pertencentes ao gênero “artigo jornalístico de opinião”. Costa, seguindo a tradição bakhtiniana de associação do estilo individual a convenções dos gêneros do discurso, afirma que “existem padrões sociais de utilização dos recursos linguísticos, que permitem relacionar de forma estável cada gênero com seu estilo” (2013, p. 152). A autora desenvolve a noção de que as características linguístico-discursivas dos gêneros dependem das condições contingentes de produção dos enunciados:

As formas linguísticas são selecionadas em contextos discursivos específicos, construídos historicamente e socialmente, quer dizer, em uma relação de correspondência com os gêneros. Esta abordagem social dos gêneros estabelece as balizas a partir das quais o enunciador faz as escolhas linguísticas ao formular seus discursos (enunciados, na denominação bakhtiniana) (COSTA, 2013, p. 13).

Os “contextos discursivos específicos” (COSTA, 2013, p. 13) em que os gêneros do discurso se desenvolvem no tempo e no espaço acabam, portanto, por determinar os critérios de eficácia de textos produzidos para cumprir propósitos comunicativos contingentes. Assim, para exemplificar os efeitos do uso de recursos interacionais em artigos de opinião de contextos diversos daqueles até aqui analisados, apresento a seguir excertos de textos do mesmo gênero colhidos de diferentes veículos, oriundos de diferentes contextos linguístico-culturais, mas que, no entanto, têm pelo menos um traço metadiscursivo em comum, a saber, o uso de perguntas retóricas dirigidas ou atribuídas ao leitor.

Começo pelos contextos de língua portuguesa. O trecho abaixo é parte do artigo “A nova cor do ensino médio”, de Cecília Ritto e Monica Weinberg, publicado na revista semanal brasileira *Veja* em 28/09/2016, e aborda a então recém-lançada medida provisória do

gostamos de pensar. (Eu não tenho tanta certeza: a gratificação pessoal obtida pelo feedback constante não diminui conforme fica-se mais velho).”

governo federal que prevê mudanças na configuração do nível final da educação básica no Brasil:

- (8) É esse abacaxi que o novo pacote pretende descascar ao pôr de pé um sistema que deu certo em países como Austrália e Inglaterra. O aluno continuará a percorrer uma grade fixa de disciplinas, igual para todo mundo, mas ela agora ocupará a metade do tempo na escola. A outra metade será preenchida pelo estudante segundo suas predileções. A esta altura, **muita gente pode estar se indagando** se o novo desenho não levará à repetição da antiga divisão entre científico e clássico, do tempo de nossos pais e avós. **Não**. A nova fórmula rompe com a ideia de separações estanques e permite traçar roteiros tão diversos na escola que dá para cursar matérias por semestre, como acontece na universidade (*Veja*, 28/09/2016, grifos meus).

Em (8), não se tem a formulação de uma pergunta retórica *per se*, mas o efeito obtido pela interpelação indireta e modalizada do leitor (“muita gente **pode** estar se indagando”) exerce uma função retórica correspondente à de uma pergunta direta – especialmente se considerarmos a maneira algo categórica com que o enunciador responde à indagação que ele mesmo encenou: “Não”.

Vale a pena apontar especificamente para a locução verbal com que a modalização é formulada: ‘pode estar se indagando’, em que o verbo ‘pode’, em função auxiliar, exerce papel correspondente àquele que os modais *may* e *might* desempenham em enunciados do inglês (“a lot of people **may/might** be wondering”), o que pode apontar para uma semelhança estrutural entre o português e o inglês (da qual, aliás, professores e estudantes de inglês como língua adicional podem tirar proveito na aquisição de construções sintáticas).

Continuando no mundo de língua portuguesa, mas agora em sua variedade europeia, consideremos o uso de perguntas propriamente ditas no texto “Doçura ou travessura?”, do jornalista Domingos de Andrade para a seção “Opinião” do *Jornal de Notícias*, de Portugal. Reproduzo abaixo os enunciados iniciais do segundo parágrafo do artigo em que Andrade comenta as políticas orçamentárias do primeiro-ministro português António Costa:

- (9) **O que podia correr mal e corre bem?** O Orçamento. A arte de distribuir o pouco que existe e o muito que se cobra (*Jornal de Notícias*, 28/09/2016, grifo meu).

Assim como no excerto da revista *Veja* em (8), tem-se aqui um caso em que a pergunta, atribuível ao destinatário do texto, é imediatamente respondida pelo enunciador. O *ethos*, constituído justamente por meio da interação com o leitor, é o de um jornalista que não só possui as respostas que seu interlocutor supostamente tem, como também se dispõe a dialogar com ele, compartilhando o conhecimento de que dispõe.

Agora, transiro a análise para a mídia impressa de língua espanhola. O excerto que segue foi colhido do artigo intitulado “*No al Operativo Aprender’: los maestros contra los exámenes*”, publicado na coluna de Jorge Lanata no site do jornal argentino *Clarín*:

- (10) **¿Cómo evitar la estandarización de una muestra de un millón y medio de personas?** Sólo su oposición dogmática a los exámenes – junto a su irresponsabilidad – puede haberlos llevado [...] a aprobar alumnos por sugerencia oficial, como sucedió en nombre de la “inclusión”²⁵ (*Clarín.com*, 22/10/2016, grifo meu).

Em (10) é interessante notar que a resposta à pergunta retórica que inicia o parágrafo é introduzida pelo enunciador do texto com a palavra *sólo*, usada, nesse caso, como um advérbio que modaliza o enunciado no sentido de torná-lo a única resposta possível para a pergunta que o leitor presumido do texto teria feito. Como efeito de sentido possível decorrente desse movimento retórico, tem-se um *ethos* assertivo, quase categórico em que se apoia a voz que enuncia em seu diálogo com o público leitor do jornal.

Colhido do site do jornal inglês *The Telegraph*, o excerto do artigo “*How you’ll know if you’ve caught xenophobia*”²⁶, de Oliver Pritchett, reproduzido abaixo, retoma minha apreciação dos efeitos do uso de perguntas retóricas para a estrutura interacional de artigos de opinião escritos em língua inglesa, agora, porém, em um contexto de uso britânico:

- (11) **Have you had your xenophobia jab yet?** Experts are warning that a particularly virulent strain is already rife in many parts of the country and they predict that it could reach epidemic proportions²⁷ (*The Telegraph*, 22/10/2016, grifo meu).

Ao efeito irônico da pergunta em (11) – apoiado no jogo de palavras operado no título do artigo – junta-se a interpelação direta do leitor pelo emprego do pronome *you*, uma marca explícita de metadiscorso interacional já discutida neste trabalho e que recorre nesse novo exemplo.

Finalmente, apresento dois títulos de artigos do *The Telegraph*, ambos integralmente constituídos de questionamentos dirigidos ao leitor do site do jornal em uma investida retórica claramente interacional dos articulistas:

²⁵ Tradução minha: “Como evitar a padronização de uma amostra de um milhão e meio de pessoas? Apenas sua oposição dogmática aos testes (escolares) – somada à sua irresponsabilidade – pode tê-los levado a aprovar alunos por meio de intervenção estatal, como aconteceu em nome da ‘inclusão’”.

²⁶ Tradução minha: “Como saber se você foi contaminado pela xenofobia”.

²⁷ Tradução minha: “Você já fez seu exame preventivo de xenofobia? Especialistas alertam que um tipo particularmente contagioso já se espalhou por muitas partes do país e preveem que a doença possa atingir proporções epidêmicas. Os idosos não são os únicos em situação de risco”.

(12) Proud man or angry ape? Do humanity's fantastic tricks make the angels weep or Darwin laugh?²⁸ (Juliet Samuel, *The Telegraph*, 22/10/2016)

(13) What happened to putting children's welfare first?²⁹ (Christopher Booker, *The Telegraph*, 22/10/2016)

Assim como foi constatado nos artigos de Rebecca Mead e David Denby para a revista americana *The New Yorker*, os artigos referidos em (12) e (13) são desenvolvidos como respostas a perguntas que intitulam os textos. Essas perguntas funcionam como uma espécie de convite dirigido ao leitor a participar da enunciação, não só porque o instiga a se engajar na leitura em busca de respostas, como há, implícita na estrutura metadiscursiva dos textos, a ideia de que essas respostas são de coautoria do enunciador e de seu(s) destinatário(s).

Considerações finais

No presente estudo, investiguei as marcas de metadiscorso interacional que explicitam, na modalidade escrita da lingua(gem), o diálogo encenado pelo enunciador de textos argumentativos com a voz do leitor presumido (o “*reader-in-the-text*”). A análise focou-se em artigos jornalísticos de opinião produzidos em contextos linguístico-culturais diversos: a imprensa escrita norte-americana e brasileira, e versões eletrônicas de publicações inglesa, argentina e portuguesa.

Os resultados das análises apontam para o papel desempenhado por elementos metadiscursivos no engajamento do destinatário na construção dos efeitos de sentido do/no texto. Perguntas retóricas e pronomes pessoais inclusivos se destacaram entre os recorrentes recursos interacionais empregados pelos autores dos excertos analisados na tarefa de construir suas identidades discursivas na esteira de um diálogo forjado discursivamente com o interlocutor. A partir dos resultados da pesquisa, é possível chegar a pelo menos duas conclusões. A primeira aponta para a relevância do modelo de metadiscorso interacional de Hyland (2005) para o estudo das potencialidades persuasivas de uma postura dialógica na produção de textos. As marcas de interação discursiva levantadas por minhas análises parecem ilustrar o modo como a projeção da voz do leitor no interior do texto colabora com a

²⁸ Tradução minha: “Homem orgulhoso ou macaco irritado? Os truques fantásticos da humanidade fazem os anjos chorar ou fazem Darwin rir?”

²⁹ Tradução minha: “O que aconteceu em relação a colocar o bem-estar das crianças em primeiro lugar?”

eficácia comunicacional da escrita jornalística argumentativa. Nesse sentido, minha hipótese inicial mostrou-se válida frente ao que se observou nos textos selecionados para este estudo.

A segunda conclusão a que se chega ao fim da pesquisa está relacionada com a presença de marcas metadiscursivas em artigos de opinião escritos em inglês, português e espanhol. A recorrência dessas marcas em textos nas três línguas indica que o metadiscorso interacional se apresenta como elemento constitutivo do discurso argumentativo, especialmente no que se refere à sua eficácia persuasiva.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Domingos de. Doçura ou travessura? *Jornal de Notícias*, 22/10/2016. Disponível em: <<https://www.jn.pt/opiniao/domingos-de-andrade/interior/docura-ou-travessura-5456759.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.
- AUSTIN, John. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1962.
- BOOKER, Christopher. What happened to putting children's welfare first? *The Telegraph*, 22 out. 2016. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2016/10/22/what-happened-to-putting-childrens-welfare-first/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.
- CELCE-MURCIA, Marianne; OLSHTAIN, Elite. *Discourse and Context in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em: URL: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.
- COSTA, Iara Bemquerer. Gênero e estilo. *Revista Letras*, Curitiba, n. 88, 2013, p. 151-169.
- DENBY, David. Do teens read seriously anymore? *The New Yorker*, 23 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/books-smell-like-old-people-the-decline-of-teen-reading>>. Acesso em: 13 jan. 2018.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FU, Xiaoli; HYLAND, Ken. Interaction in two academic genres: A study of interactional metadiscourse. *English Text Construction*, n. 7(1), 2014, p. 122-144.
- HYLAND, Ken. *Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing*. London & New York: Continuum, 2005.
- HYLAND, Ken. *International Encyclopedia of Language and Social Interaction*, v. 1, New Jersey: Wiley-Blackwell, 2015.
- LANATA, Jorge. No al Operativo 'Aprender': los maestros contra los exámenes. *Clarín.com*, 22/10/2016. Disponível em: <https://www.clarin.com/opinion/Operativo-Aprender-maestros-examenes_0_SkhZnHOkI.html>. Acesso em: 14 jan. 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: *Ethos discursivo*. MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). São Paulo: Contexto, 2011.

MEAD, Rebecca. Hillary for president: no joke. *The New Yorker*, 14 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/hillary-for-president-no-joke>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

PRITCHETT, Oliver. How you'll know if you've caught xenophobia. *The Telegraph*, 22 out. 2016. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2016/10/22/how-youll-know-if-youve-caught-xenophobia/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

RITTO, Cecília; WEINBERG, Monica. A nova cor do ensino médio. *Veja*, 28 set. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/educacao/a-nova-cor-do-ensino-medio/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

SAMUEL, Juliet. Proud man or angry ape? Do humanity's fantastic tricks make the angels weep or Darwin laugh? *The Telegraph*, 22 out. 2016. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2016/10/22/proud-man-or-angry-ape--do-humanitys-fantastic-tricks-make-the-a/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

THOMPSON, Geoff. Interaction in academic writing: Learning to argue with the reader. *Applied Linguistics*, n. 22(1), 2001, p. 58-78.

THOMPSON, Geoff; THETELA, Puleng. The sound of one hand clapping: The management of interaction in written discourse. *Text*, v. 15(1), 1995, p. 103-127.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.

Artigo aceito em maio de 2018.